

**ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO  
DAS DISCRIMINAÇÕES: ANÁLISE  
DE EXPERIÊNCIAS DE JOVENS  
NEGROS EM SÃO PAULO E JOVENS  
DE ORIGEM TURCA EM BERLIM\***

Wivian Weller\*\*

*Resumo: O conceito de gerações vem recuperando seu espaço nas análises sociológicas, que, apontam não somente para as diferenças de classe, mas também para as desigualdades de gênero, étnico-raciais, culturais e geracionais. De acordo com o sociólogo Karl Mannheim, o que caracteriza uma posição comum daqueles nascidos em um mesmo tempo cronológico não é somente a potencialidade ou possibilidade de presenciar os mesmos acontecimentos e de vivenciar experiências semelhantes, mas, sobretudo, de processar esses acontecimentos ou experiências de forma semelhante. No entanto, essa possibilidade não está ao alcance de muitos jovens. Como negros, filhos de migrantes nordestinos em São Paulo ou como descendentes de imigrantes turcos em Berlim, vivem situações semelhantes de discriminação e de marginalização. Mas como essas experiências são vividas e trabalhadas? Como enfrentam essas situações no cotidiano? O presente artigo analisa experiências de discriminação e as estratégias de enfrentamento dessas situações. Apresenta estes jovens como agentes ativos que estão se organizando e se posicionando diante do racismo, de outras formas de discriminação e das desigualdades sociais.*

*Palavras-chave: juventude, gerações, jovens negros em São Paulo, jovens turcos em Berlim, experiências discriminatórias.*

## INTRODUÇÃO

O conceito de gerações vem recuperando seu espaço nas análises sociológicas, que, apontam não somente para as diferenças de classe, mas também para as desigualdades de gênero, étnico-raciais, culturais e geracionais. De acordo com Karl Mannheim, o que caracteriza uma posição comum daqueles nascidos em um mesmo tempo cronológico não é somente a potencialidade ou possibilidade de presenciar os mesmos acontecimentos, de vivenciar experiências semelhantes, mas, sobretudo, de processar esses acontecimentos ou experiências de forma semelhante<sup>1</sup>. A composição de gerações é um processo sociogenético contínuo, no qual estão envolvidos tanto grupos concretos, como a experiência adquirida em contextos comunicativos, dentre outros, aqueles disponibilizados pelos meios de comunicação<sup>2</sup>.

No entanto, a possibilidade de presenciar acontecimentos ou de vivenciar experiências semelhantes e, sobretudo, de processar esses acontecimentos ou experiências de forma análoga não está ao alcance de muitos jovens, o que, por sua vez, torna o processo de constituição de gerações cada vez mais distinto e complexo. Como negros, como filhos de migrantes nordestinos em São Paulo ou como descendentes de imigrantes turcos da segunda ou terceira geração em Berlim vivem situações semelhantes de discriminação e de marginalização. Mas como essas experiências são vividas e trabalhadas? Como são enfrentadas essas situações no cotidiano?

É praticamente impossível para qualquer pessoa aprender a conviver com a violência, com o racismo e com qualquer outro tipo de discriminação, que exclui grande parte da população no Brasil e em outros países do mundo de seus direitos enquanto cidadãos. Não é possível aprender a conviver com tamanha desigualdade e muito menos aceitar que ela continue existindo. Portanto, o presente artigo não irá discutir a forma como jovens aprendem a conviver com a violência, racismo e outras discriminações, pois estaríamos concedendo-lhes um papel de agentes passivos diante desses problemas. Nossa análise se deterá nas visões de mundo ou representações coletivas de jovens que convivem diariamente com a violência, a segregação e à discriminação e enfatizará as estratégias de enfrentamento

dessas situações. Em outras palavras, buscaremos apresentar esses jovens como agentes ativos que estão se organizando e se posicionando diante do racismo e de outras formas de discriminação, bem como em relação às desigualdades sociais.

## EXCLUSÃO E DISCRIMINAÇÃO COMO UMA DAS FACES DA VIOLÊNCIA VIVIDA PELAS NOVAS GERAÇÕES

Inicialmente faremos uma breve contextualização da pesquisa. Trata-se de um estudo realizado com jovens pertencentes ao movimento *hip hop* nas cidades de São Paulo e Berlim, nos anos 1998 a 2000<sup>3</sup>. Desde os primeiros contatos com jovens negros em São Paulo e com jovens de origem turca em Berlim, foi possível verificar que o *hip hop* se havia constituído num espaço de partilha de experiências e de elaboração de estratégias de enfrentamento do racismo e do preconceito. Durante a pesquisa, buscou-se compreender as visões de mundo desses jovens e a forma como estilos culturais globalizados são apropriados e ressignificados. Ao mesmo tempo, esse estudo sobre a gênese, estrutura e função dos grupos juvenis analisou a importância dessas práticas culturais na construção de identidades, no enfrentamento da segregação social e da discriminação étnica e/ou religiosa. Nesse sentido, foi elaborado um conjunto de questões que orientaram a escolha das técnicas e os procedimentos de coleta e análise dos dados:

- Qual a importância da práxis musical e artística do *hip hop* nesses meios sociais? Que tipo de orientações coletivas ou visões de mundo emergem dessas práticas?
- Qual a função do grupo juvenil (*peer group*) nos distintos contextos?
- Apesar das diferenças históricas, políticas e sociais entre esses países e das diferenças culturais entre jovens paulistanos e berlinenses, é possível encontrar semelhanças com relação a seus modelos de orientação ou visões de mundo?
- Como se posicionam em relação ao grupo étnico? Como discutem imagens e definições relativas ao pertencimento étnico (tanto aquelas atribuídas externamente como as que são construídas pelo grupo)?

- Como estão constituídas as relações interétnicas no cotidiano, e que leitura fazem das relações étnico-raciais em ambos os países?
- De que forma são vividas as práticas de discriminação e denigração? Quais são as consequências dessas experiências? É possível identificar estratégias de enfrentamento dessas situações?

Durante a pesquisa de campo foi possível perceber, desde os primeiros contatos, que jovens descendentes de imigrantes turcos da segunda ou terceira geração em Berlim, assim como jovens negros e/ou filhos de migrantes nordestinos em São Paulo vivem situações semelhantes de discriminação e desigualdade, apesar das diferenças históricas, sociais e políticas em ambos os países. Impossibilitados de viver sem a presença de “estigmas”, muitos desses jovens têm manifestado seu protesto e buscado caminhos para enfrentar essas situações mediante a construção de novas formas coletivas de vida. Constatou-se, em ambas as cidades, que o movimento *hip hop* norte-americano foi fundamental para a constituição de uma identidade e cultura juvenil que transcende as fronteiras étnicas e nacionais: Grupos berlinenses e paulistanos ouvem, em parte, a mesma música, vestem o mesmo tipo de roupa, utilizam códigos e nomes semelhantes.

Observou-se, tanto em São Paulo como em Berlim, o desenvolvimento de manifestações político-culturais por meio das quais os jovens estabelecem uma relação positiva com a cor e/ou origem étnica e estabelecem estratégias de combate do racismo e outras formas de discriminação.

Com base na análise e interpretação dos dados empíricos mediante o método documentário de interpretação<sup>4</sup>, foi possível encontrar nessas cidades duas estratégias distintas de combate às discriminações e desigualdades sociais: Alguns grupos incorporaram um sentido prático-comunicativo como forma de enfrentar o racismo e o preconceito social. Outros grupos juvenis desenvolveram um sentido teórico-estratégico para lidar com o problema. A seguir, serão apresentadas as distintas estratégias desenvolvidas pelos grupos.

## DESENVOLVENDO UM SENTIDO PRÁTICO-COMUNICATIVO PARA ENFRENTAR O RACISMO E O PRECONCEITO SOCIAL

O que caracteriza o sentido prático-comunicativo<sup>5</sup> é a tentativa de construção das relações sociais com base na identidade pessoal e de comunicação direta com o “outro”, ou seja, com o discriminador na esfera pública. Essa estratégia é fruto de uma série de experiências vividas ao longo de suas vidas, que os levaram à conclusão de que situações de discriminação demandam ações concretas, conforme relato de alguns jovens paulistanos (grupo *Skateboard*)<sup>6</sup>:

**Antônio:** ... o que não dá, é sofrer racismo e ficá sentado conversando, ah nós sofremo racismo nós sofremo raci- a vida inteira porque não vai dar certo

**Beto:** Ficá falando algo que você já, que já sabe

**Antônio:** É. O que você já sabe, entendeu. Você tem agir, fazer pro- prá que tudo isso mude. Então às vezes eu não gosto muito de participar do Movimento Negro por causa disso, entendeu, eu vou no *Ile Ifê* mas eu não, eu procuro não entrar nessa parte do racismo lá, por causa desse ponto, porque eu acho que eles, o trabalho deles só fica muito voltado prá entendeu, sei lá só prá mostrar pro preto a raiz dele. Todo preto sabe das suas raízes, todo mundo sabe, entendeu, sabe que a maioria né, dos seus ancestrais, era do Candomblé, sabe do povo negro, sabe de Zumbi dos Palmares, sabe de tudo. Mas o que negro não sabe ainda hoje é com quem ele pode contar, quando ele sofre um ato de racismo. Ele não sabe, por exemplo, se eu sofrer um ato de racismo aqui no mercado aqui da frente, eu não sei se eu posso ligar, aonde que eu vou ligar, pegar o telefone eu vou ligar prá quem, ah eu sofri um ato de racismo, qual o tipo de ação que eu tenho que fazer, entendeu. Então, quer dizer, basicamente o que eu sei é isso, é pegar um gravadorzinho andar com um gravador, quer dizer, eu tenho que andar armado né, com um gravadorzinho sempre, esperando que aconteça o ato do racismo, entendeu, chegar e na hora que eu perceber que eu vou, aí apertar o play e ficar esperando, aí vai falando tudo, vai falando tudo, entendeu. Então a gente não pode

conviver com isso, a gente tem que conviver normal, se não a gente vai ficar com a cabeça muito ...

A fim de comprovar um “ato de racismo”<sup>7</sup> os jovens deveriam andar teoricamente “armados” com um gravador, juntando, dessa forma, as evidências de que sofreram discriminação. A metáfora do gravador documenta a dificuldade e, praticamente, a impossibilidade de soluções para o problema. Reagir ao racismo, nesse nível, implicaria um estado de alerta permanente, que possibilitasse a antecipação de uma situação de hostilização (“apertar o *play* e ficar esperando”). A vida se transformaria num processo gigantesco de denúncias e comprovações de agressões vividas e suas práticas cotidianas estariam direcionadas nesse sentido. Diante das experiências vividas, os jovens rejeitam esse tipo de instrumentalização do problema e optam por uma estratégia que denominam como “convivência normal” com as situações de discriminação.

Não se trata, no entanto, de uma atitude passiva diante do racismo e do preconceito social. Os jovens construíram para si uma estratégia distinta, caracterizada pela comunicação direta com o discriminador, denominada por um dos entrevistados como “papoterapia”. Essa estratégia de resolução de conflitos diretamente com o agressor e logo após o ocorrido é fruto de uma série de experiências vividas anteriormente e que só passaram a ser superadas dessa forma no final da adolescência, mais especificamente, a partir do ingresso no mercado de trabalho. Um jovem paulistano relata que tal estratégia foi desenvolvida por ele durante o curso de auxiliar de enfermagem, sobretudo quando começou a sofrer discriminações por parte de pacientes que não queriam ser atendidos por ele, por exemplo, quando um oficial do exército tentou opor-se à sua ajuda médica, porque “ele não gostava de preto” (entrevista narrativo-biográfica com Antônio):

**Antônio:** ... quando eu comecei a fazer o curso de auxiliar de enfermagem, que eu comecei a entrar lá, né, no lance, no nos estágios, eu até percebi que, pô? isso aí não valia, eu tive a prova disso várias vezes. Uma vez que eu que eu lembro, que foi assim, era um rapaz que tinha sido, né, que tinha sofrido acidente

de moto, né; e era do exército, branco, e era cha-, só que ele era chato prá caramba, assim no lance que ele tava lá com um ferro lá que era um ferro que segura, deixa o osso no lugar, só que ele não deixava o pé no lugar. Ele punha de um lado, punha do outro, porque tinha uma televisãozinha aí ele virava e toda hora que o médico entrava lá, né, o médico, né, encarcava nele, oh meu cê tem que ficá com a perna assim porque senão cê vai ficá com seqüelas, né, vai ficá com problema na perna, que não sei que. E ele, oh esse médico é chato. E aí nessa eu conversei com ele, né, meu, falei, oh você desculpa tá falando, e ele não gostava de preto, tanto é que eu entrei na primeira vez ele olhou assim e falou, oh dá prá trocá de auxiliar de enfermagem e tal, né, dá prá ser aquela menina ali? nem injeção não queria deixar, medicamento na boca assim, não queria, né, achava que não. Aí eu, tá, forcei e consegui falá com ele. Oh meu é o seguinte, você não gosta da minha cor mas é o seguinte, eu vou falá um negócio prá você que não tem nada a ver com cor tá; você tá vendo o negócio é prá você, você quer andar? quero andar. Então é o seguinte, eu vou falar uma coisa que é certa; eu menti pra ele assim né; já tenho três anos de enfermagem, menti. aí, e eu já vi gente que não saiu da cama porque, por conta do que você tá fazendo entendeu? O médico pediu prá você deixar a perna de um jeito, deixa, porque ele sabe o que ele tá fazendo, ele estudou tantos anos prá isso entendeu? Então você tinha que entender e ainda mais, pô você é um cara que tinha que entender melhor que todo mundo, porque você é um cara de exército; você é um cara que tinha que saber isso dai né, um cabo. Aí ele pegou, falou, pô mais eu não gosto de ficar assim, fica chato, incomoda. Eu falei, incomoda mesmo, né, fazer o que né. Vamos fazer o seguinte, vamos combinar uma coisa, tá, você fica metade do dia do jeito que ele quer e eu te dou 15 minutos das vezes que ele chega aqui prá você mudar um pouco de posição antes dele chegá. Então a gente combinava isso, né, porque incomoda mesmo quando você fica numa posição só ... Então, aí, ele depois de uma semana e meia, coisa assim, não sei se foi duas semanas ele saiu. Aí quando ele saiu, ele, né, oh obrigado e tal, né; mas foi aquele obrigado, assim, ligeiro, né. Aí,

falei, oh legal, pronto passou. Só que aí no decorrer do estágio ele me mandou uma carta, né, meu, aí, ele mandou uma carta pro hospital e na carta vinha falando mais de mim do que do hospital. Aí, ele, pô fala prá aquele cara lá, acho que ele já não lembrava do meu nome, né, fala prá aquele rapaz que tava fazendo estágio lá obrigado e tal. Legal, vou vim prá encontrar ele de novo. E aí, eu, saiu da carta, quando ve-, eh, no outro dia ele me aparece lá em pé andando conversando comigo e tudo mais. Então, né, o que aconteceu, ele veio me agradecer, né, por assim, por eu ter abrido a mente, né, eu achei aquilo legal ...

Sintetizando, podemos afirmar que o sentido prático-comunicativo revela uma estratégia de comunicação direta com o “outro”, ou seja, com o discriminador na esfera pública. Os jovens armam-se de um discurso que apela para o discernimento do opressor, conseguindo que o mesmo reveja suas atitudes discriminatórias. Outro componente da estratégia prático-comunicativa é a utilização das habilidades profissionais e da integridade pessoal no estabelecimento das relações na esfera do trabalho: “Eu vou falá um negócio prá você que não tem nada a ver com cor ... já tenho três anos de enfermagem...”.

No entanto, essa estratégia de resolução de conflitos diretamente com o agressor por meio do diálogo e do apelo ao discernimento constitui uma característica observada somente entre os grupos paulistanos. Em Berlim, jovens de origem turca relataram justamente o oposto, ou seja: a estratégia do diálogo e da busca de um entendimento com o agressor se apresenta praticamente impossível. Os jovens são confrontados com situações que acabam influenciando seu comportamento e reforçando uma estratégia de abnegação, na qual a comunicação passa a ser evitada como uma forma de se poupar de “comentários idiotas” do opositor. A sequência abaixo expressa um exemplo de como os jovens, pouco a pouco, vão descredenciando da possibilidade do diálogo e da reciprocidade com o outro (grupo *Drama*):

**Avni:** ... por exemplo, já não me atrevo a perguntar pelo caminho, o que quer dizer não se atrever, não que eu tenha medo, mas, eh, eu posso me poupar destes comentários idiotas que vêm

deles, agora. Há dois dias a rua BZ foi totalmente fechada foram mais ou menos cem ou ou cento e cinqüenta metros e eh estava cheia de viaturas policiais e do corpo de bombeiros, era mesmo uma grande ação. Eu ti- como nós tínhamos que passar pela barreira porque eu tinha que levar um amigo para casa; nós paramos e perguntamos o que estava acontecendo e assim [a resposta foi essa:] “é uma ação do corpo de bombeiros” (pausa). E nós seguimos então e o que eu posso dizer, antipático ...

Com base na experiência de que a polícia se comporta de forma hostil, sobretudo com os turcos e nas situações de humilhação sofridas frequentemente<sup>8</sup>, esses jovens já não se atrevem a pedir informações sobre um determinado endereço a um policial, evitando assim possíveis “comentários idiotas” que viriam associados à resposta. Os jovens desse grupo optaram por uma estratégia de renúncia à comunicação quando o confronto com possíveis situações de discriminação é previsto ou antecipado. Diante das limitadas possibilidades de ação decorrentes da vinculação a uma identidade coletiva enquanto estrangeiro ou descendente de imigrantes turcos e, ainda, diante da atitude indistinta do interlocutor, os jovens correm o risco de interpretar determinadas experiências como racistas, sem poderem “provar” ou sem estarem seguros de que uma determinada situação, como relatada no exemplo acima, foi motivada por uma atitude racista. Por meio da abnegação ou renúncia a um eventual enfrentamento dessas experiências de forma comunicativa, ou seja, por meio do apelo ao discernimento – como relatado pelos jovens paulistanos –, os jovens de origem turca encontraram uma possível solução para o conflito no âmbito da esfera pública. No entanto, no que diz respeito à construção de uma identidade positiva ou da autoestima, como muitos jovens preferem chamá-la, essa estratégia se apresenta como pouco eficaz e corrobora para a perpetuação de uma identidade deteriorada, como definida por Erving Goffman<sup>9</sup>.

## O SENTIDO TEÓRICO-ESTRATÉGICO DE LIDAR COM SITUAÇÕES DE DISCRIMINAÇÃO E HOSTILIZAÇÃO DO ‘OUTRO’

Outro tipo de estratégia para o enfrentamento do racismo e de outras formas de discriminação presente em alguns grupos de rap consiste na discussão dessa temática no campo estético-político, mediante as apresentações em público e o trabalho social e educacional realizado na comunidade. Esse tipo de estratégia, a que atribuímos um sentido teórico-estratégico, pode ser encontrado tanto entre jovens paulistanos como berlinenses. O que caracteriza a orientação desses jovens é a ocupação de uma posição teórico-argumentativa na esfera pública, com base em dados empíricos sobre o racismo e as desigualdades sociais, como relatado por um grupo paulistano (grupo *Atitude*):

**Darcy:** ... agora fora, fora esses tipo de preconceito raciais que tá constantemente na nossa vida, tem outros pre-, preconceitos, assim, raciais que já são estatística, né. Aí esses que são estatística a gente pode contá aí, eh, o desemprego pros negros é maior do que, entendeu,

**WW:** Hm

**Darcy:** o número de desempregados negros é maior do que o branco, eh, o número de negros que tem na faculdade é muito inferior dos brancos, eh os negros que morrem na peri-, eh, a maioria das pessoas que morrem, não, não só na periferia, como, entendeu, a maioria são negros, entendeu.

**Carlos:** Hm

**Darcy:** É o número de presos, entendeu, a maioria são negros, entendeu. E, tipo assim, são coisas, assim, estatísticas que às vezes comprovam que, que o preconceito é maior, entendeu. Hoje em dia pode até ser que não, que não tem mais o lance do negro, se for contá não negro mas como descendentes, entendeu, de negros que, que são geralmente os negros que sofrem muito mais preconceito do que os brancos, entendeu.

**Carlos:** Já saiu um dado no, no Indi-Folha, na Folha de São Paulo, que a maioria dos, dos presos não são negros. Tem é lógico

uma porcentagem grande, mas não é a maioria, né. Agora tem um dado também; que é a questão das leis mesmo, que para crimes iguais as penas são diferentes, você entendeu. Por exemplo, um preto vamos supor que faça um assalto e o branco também, as penas, eh, eles são enquadrados no mesmo artigo, só que a pena é mais leve para os brancos. Os pretos cumprem a pena sempre máxima. Esse é um dado que foi feito pelo Núcleo de Violência, né, e pela OAB. São dados

**Darcy:** E tem também o lance do, por exemplo, os negros que estão empregados, no caso o desemprego tá muito maior. Mas os que estão empregados às vezes tem muitos negros que, que, eh, trabalham numa mesma área, entendeu, que um branco e ele recebe menos. O salário é menos, entendeu, prá ele. Então isso daí já é; as estatística e mais o cotidiano que a gente, que a gente sofre, que isso daí são coisas que não é só entre nós que faz parte do Estilo Negro, da periferia. É uma coisa quase constante até mesmo um negro, que tem uma classe social um pouco melhor do que a gente também pode sofrer. E dificilmente muitos não, não, sabe, podem falá que não sofreu racismo um dia na vida, entendeu ...

Esse tipo de análise teórico-empírica documenta um intenso processo de discussão e de coleta de informações sobre as temáticas em questão e revela uma forma organizada de luta que se manifesta através do trabalho realizado na posse, assim como na participação em movimentos antirracistas. A violência e a discriminação também fazem parte do cotidiano dos jovens de orientação social-combativa. No entanto, o racismo é visto pelos mesmos como um problema que se apresenta sob múltiplas facetas, dificultando, portanto, uma análise à luz de experiências individuais (“é difícil citar um caso só”). Para esses jovens, o combate ao racismo e a outras discriminações não deve ser travado apenas individualmente, ou seja, na relação direta com o agressor, mas principalmente no âmbito da esfera pública. Nesse sentido, os jovens não querem ser vistos apenas como vítimas, mas como detentores de uma posição teórico-reflexiva sobre o tema, que se caracteriza tanto

pela avaliação como pela tentativa de construção de uma estratégia de “amenizar” o problema (grupo *Attitude*):

**Darcy:** ... então, quer dizer, isso daí já prova que o nosso país é um país racista e não tem nem como, como negá isso, entendeu. E que a gente sabe que é um problema mundial, é, entendeu. Mas a gente tem que fazê o possível prá fazê com que com que isso amenize, porque a gente sabe que mudá, não vai mudá muito assim, muito rápido entendeu. A gente, mesmo não tendo bola de cristal mesmo não sa-, a gente sabe que é uma coisa comprovada, que o racismo não vai diminuir assim de uma hora prá outra. Mas a gente pode melhorá pelo menos a nossa, eu acho, que melhorando a nossa auto-estima, a gente pode melhorar pelo menos a questão social da gente ...

Como já afirmamos anteriormente, o sentido teórico-estratégico, ou seja, a aquisição de competências teórico-argumentativas diante de questões como racismo e segregação também foi encontrada entre alguns grupos de jovens berlinenses de origem turca. Também aqui os jovens não querem ser tratados apenas como objetos de estudo, ou como vítimas do racismo:

Durante uma entrevista com um grupo bastante atuante na esfera política em Berlim, o tema foi discutido, sobretudo, de forma reflexiva por meio de críticas ao sistema capitalista e às políticas pouco voltadas para a superação das desigualdades sociais e educacionais.

No entanto, a estratégia argumentativa desses jovens não se resume apenas a uma elaboração teórica sobre o tema, mas também é fruto de experiências vividas enquanto estrangeiros e que nos foram relatadas somente ao final da entrevista, quando a teoria sobre o *outsider* desenvolvida anteriormente de forma teórica é ilustrada com base em uma experiência concreta (grupo *Ideale*):

**WW:** Vocês falaram anteriormente eh que aqui fazem da gente um estrangeiro, eh vocês poderiam talvez citar ainda um exemplo

**Amin:** Um estrangeiro fazem isso da gente

**WW:** onde vocês viveram isso, isto é

**Amin:** um. O estrangeiro é feito pelos outros, e eles também fazem dele um outsider. Tem um exemplo do meu tempo de escola, assim depois do tempo de escola,

**WW:** Hm

**Amin:** eu terminei a escola, como disse, nunca matei aula na escola, só uma duas vezes (risos) eh:: consegui concluir o ensino intermediário e depois saí da escola, e por um ano não consegui eh uma vaga num curso profissionalizante e etc, então fui à agência de emprego, e enviei muitas cartas de apresentação, onde semp=sempre me dispensavam, então voltei à agência de emprego, eu pensava que nunca ia conseguir uma vaga num curso profissionalizante, mas eu queria uma vaga através da agência de emprego, assim intermediada pela agência de emprego e eh eles viram meu histórico escolar eh por um acaso ele é o.k., nenhuma restrição, nenhuma falta muito bom eh:: ah, eles perguntaram porque eu não conseguia nenhuma vaga em um curso profissionalizante e eu falei nenhum problema eh não tenho idéia. e depois eles falaram, bem para que se possa receber um emprego intermediado pela agência de emprego eh uma vaga num curso profissionalizante eh tem que estar com alguma desvantagem. e como desvantagem não matai aula, não sou criminoso eh não tenho ficha na polícia eh [aí ele pergunta:] você por acaso possui a nacionalidade alemã? Eu disse não, tenho a turca. Ah o.k. isso é uma situação problema; assim é um problema um estrangeiro eh não consegue encontrar nenhuma vaga de apr- eh aprendiz, e isso ele pode declarar oficialmente como problema na eh agência de emprego, a gente é estrangeiro, está em desvantagem, então tem um motivo para se conseguir uma vaga num curso profissionalizante pela agência de emprego. então isso ficou em mim eh esse pensamento, veio então, incendiou então essa luz.

**WW:** Hm

**Amin:** então você está em desvantagem por ser estrangeiro neste país. Então, é assim, fazem da gente um estrangeiro e um outsider.

Na pergunta inicial a entrevistadora retoma um comentário anterior realizado pelo entrevistado, no qual ele havia dito que as pes-

soas eram transformadas em *outsiders* mas não havia dito o que estava subentendido nessa afirmação. No momento do relato, a entrevistadora parece ter ouvido a palavra ‘estrangeiro’ (*Ausländer*) ao invés da expressão *outsider*. Nesse sentido, a pergunta ora dirigida representa uma reelaboração e uma interpretação do que foi anteriormente afirmado pelo jovem. No entanto, Amin inicia sua resposta antes mesmo da finalização da questão pela entrevistadora, sinalizando, com isso, a relevância do tema para o grupo. O trocadilho ‘estrangeiro’ e *outsider* não é corrigido, mas utilizado como referência para a análise do significado do *ser estrangeiro* e do *ser outsider*. Os dois termos não são usados como sinônimos, mas interpretados como processos de estigmatização justapostos pela esfera pública: “O estrangeiro é criado pelos outros, e eles também fazem dele um *outsider*”. Nesse contexto, o estrangeiro ou aqueles de ‘aparência física diferente’ sofrem uma dupla discriminação e estigmatização, tornando-se vítima de uma relação sistêmica de difícil rompimento, como ilustrado na sequência acima.

A narração desse episódio permite estabelecer ainda algumas analogias com o exemplo trazido por Antônio do grupo paulistano *Skateboard*, quando ele descreve uma situação de racismo na ocasião em que se apresentou para uma entrevista de emprego como fotógrafo. Assim como Antônio, também Amin inicia seu relato com uma apresentação da integridade pessoal e de seu próprio esforço em corresponder às exigências formais para a obtenção de uma vaga em um curso profissionalizante: “Consegui concluir o ensino intermediário... não matei aula, não sou criminoso eh não tenho ficha na polícia”. Apesar de possuir um certificado de conclusão escolar, que “por um acaso é o.k.”, e de haver enviado “muitas cartas de apresentação”, não teve sucesso em sua busca por uma vaga de aprendiz, vendo-se obrigado a recorrer à “agência de emprego”. Ao buscar auxílio na agência de emprego, percebe que seu comportamento como bom aluno e bom cidadão é avaliado de forma negativa, ou seja, ele é desclassificado pelo assistente social pelo fato de apresentar boas notas em seu histórico escolar e por não haver se envolvido em situações que o levassem a ter um registro na polícia. A concessão de uma vaga como aprendiz não toma como critério a integridade pessoal e o desempenho esco-

lar, mas a posição de “desvantagem” no meio social. Sendo assim, a identidade como “estrangeiro” é definida “oficialmente” como um “problema” e, conseqüentemente, reconhecida pelo servidor público como motivo para classificar Amin como alguém em situação desvantajosa no que diz respeito à preparação para o ingresso no mercado de trabalho formal. Ao invés de reconhecer e valorizar a identidade e integridade pessoal, esses procedimentos burocráticos as tornam insignificantes e, no lugar delas, tomam a identidade social estigmatizada como pretexto para conceder uma vaga de aprendiz, fazendo com que o jovem chegue à seguinte conclusão: “Então você está em desvantagem por ser estrangeiro neste país. Então ... fazem da gente um estrangeiro e um outsider”.

Em sua teoria sobre o *outsider* o jovem apresenta uma crítica às relações sociais e políticas na Alemanha, vivenciadas por ele como exteriores e cristalizadas em um sistema cujo rompimento é praticamente impossível. Os mecanismos desse sistema estão imbricados de tal forma que, justamente onde poderia contribuir para diminuir a discriminação, o sistema acaba colaborando para a sua perpetuação. Portanto, na medida em que a identidade social é oficialmente reconhecida como inferior ou como motivo de desvantagem e utilizada como argumento para a concessão de uma vaga em um curso profissionalizante, o jovem passa a ser tratado não só como um estrangeiro, mas também como um outsider. A posição inferior como estrangeiro não é apenas institucionalmente confirmada, como também perpetuada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, gostaríamos de destacar algumas diferenças entre grupos paulistanos e berlinenses, encontradas principalmente nas estratégias desenvolvidas como forma de enfrentamento do racismo e do preconceito social<sup>10</sup>. Com base na análise empírica foi possível observar que, entre os grupos paulistanos, tanto o sentido prático-comunicativo como a orientação teórico-estratégica apresentam um nível de elaboração e de superação das experiências de racismo e discriminação superior àquelas dos grupos berlinenses com os quais tivemos contato

ao longo da pesquisa. Embora tenhamos escolhido dois grupos de cada cidade para a exemplificação das estratégias de enfrentamento do racismo e do preconceito, outros grupos entrevistados apresentaram estratégias semelhantes e corroboraram para a reconstrução e denominação dos tipos de estratégia apresentados neste artigo.

No que diz respeito ao sentido prático-comunicativo, constata-se, além da tentativa de construção das relações sociais com base na identidade pessoal, uma estratégia de comunicação direta com o “outro”, ou seja, com o discriminador na esfera pública. Os jovens paulistanos armam-se de um discurso que apela para o discernimento do opressor, fazendo com que ele reveja suas atitudes discriminatórias. Outro componente dessa estratégia é o apelo às habilidades profissionais e à integridade pessoal no campo das relações de trabalho, como descreve um jovem que trabalha como enfermeiro num hospital (cf. Grupo *Skateboard*).

O sentido teórico-estratégico dos grupos paulistanos entrevistados revela, além da forma organizada de luta contra o racismo e a discriminação, uma estratégia de autoafirmação. O resgate da “autoestima” se dá, por um lado, por meio da reconstrução da história coletiva e da identidade negra; por outro, por meio do reconhecimento de que não são eles os responsáveis pela situação que enfrentam, mas sim o sistema, que os discrimina e os exclui da cidadania plena. As estratégias elaboradas para o combate à discriminação e ao preconceito social por parte dos jovens paulistanos estão diretamente associadas ao contexto local, tanto às experiências vividas enquanto negros e habitantes de bairros periféricos, como à história do racismo no Brasil (cf. Grupo *Atitude*).

Embora distintas, as estratégias de enfrentamento da discriminação e da exclusão social estão vinculadas às experiências vividas pelos jovens, assim como às especificidades históricas do racismo e dos mecanismos de exclusão vividos em ambas as sociedades. O *hip hop* exerce um papel fundamental na elaboração de ações práticas contra o preconceito e a hostilização do “diferente”. Independentemente das posições assumidas pelos grupos, podemos afirmar que o *hip hop* proporcionou a constituição de novas formas de coletividade, que passaram a substituir, de certa forma, os vínculos perdidos com a segregação socioespacial. Os objetivos e interesses comuns e o reconhecimento de que “não estavam soltos”, mas que faziam parte de

um espaço social de experiências conjuntivas, fortaleceu o espírito de coletividade, aumentando também a autoestima, levando-os a buscar novas formas de combater os problemas enfrentados no cotidiano. Como integrantes de um grupo, eles passaram a ser herdeiros desse conjunto de narrativas comuns que o constitui e que gera esse potencial criativo tanto daqueles de orientação geracional, como daqueles de orientação social combativa.

Ainda que os jovens estejam buscando estratégias próprias para superar as discriminações vividas como negros e habitantes de bairros periféricos, fazem-se necessárias políticas públicas voltadas para o fortalecimento das estratégias e soluções que eles mesmos estão apresentando para os problemas vividos. A inclusão social por meio de políticas no campo da cultura (como, por exemplo, oficinas de *rap*, *break*, grafite, entre outras) vem apresentado resultados positivos no resgate da criatividade e da “autoestima”, bem como no combate ao ócio, à violência e à criminalidade, principalmente quando os próprios jovens são capacitados para desenvolverem e coordenarem atividades junto às crianças e adolescentes de suas comunidades. No entanto, a essas políticas devem vir somados programas de profissionalização e de inserção no mercado de trabalho, assim como estratégias de restabelecimento do diálogo intergeracional e de reconstituição dos vínculos perdidos.

Nesse sentido, a construção de redes solidárias implica todo um esforço de transformação da imagem negativa ou da “decepção” desses jovens em relação às gerações mais velhas - incluindo-se nelas não apenas seus pais e avós, mas também professores, políticos e outros atores -, que por muitas vezes negligenciaram os problemas vividos por jovens negros e/ou filhos de migrantes da segunda ou terceira geração que habitam os bairros periféricos das grandes metrópoles.

### ***Facing discrimination strategies: analyzes of Negro youth experience in São Paulo and youth from Turkish background in Berlin***

*Abstract: Generation conception has gained status in sociological analyses, which point out not only some class differences, but also gender, ethnical, racial, cultural and generation inequalities. According to sociologist Karl Mannheim, what distinguish a common attitude among those who were born*

*in the same chronological time is not only the possibility to face the same events and live similar experiences, but mainly to process these events or experiences similarly. However, this possibility is not available for many young people, such as Negros, Northeastern children immigrants in São Paulo or Turkish background immigrants in Berlin who live similar discrimination and marginalization. However, how can one live and deal with these experiences? How do they face this situation daily? This article analyzes discrimination experiences and the strategies to face them. We present these young people as active agents who are organizing themselves against racism and other types of discrimination and social inequalities.*

Keywords: *youth; generation; Negro youth in São Paulo; Turkish youth in Berlin; discrimination experiences.*

## Notas

- 1 Cf. Karl Mannheim, 1993; Wivian Weller, 2010.
- 2 Cf. Burkhard Schäffer, 2003, p. 66-67.
- 3 Para maiores informações, cf.: Wivian Weller, 2003; 2004 e 2011.
- 4 Durante o período de 1998 a 2000, foram realizados quinze grupos de discussão e quinze entrevistas narrativo-biográficas (história de vida) com grupos de *rap* de ambas as cidades. Tanto os grupos de discussão como as entrevistas narrativo-biográficas foram analisados segundo o método documentário de interpretação. Para maiores informações sobre esse método de interpretação cf. WELLER, 2005 e 2006; BOHNSACK e WELLER, 2011.
- 5 A definição desse tipo de estratégia como *sentido prático-comunicativa* apoia-se na noção de “senso prático” desenvolvida por Pierre Bourdieu (1999, p. 190-91).
- 6 A transcrição original dos grupos de discussão e entrevistas foi realizada segundo os códigos publicados em Weller (2006, p. 258). Na primeira versão deste artigo publicada em 2007, os revisores decidiram adequar a transcrição às convenções gramaticais da língua portuguesa. Manteve-se a revisão das falas dos jovens nesta publicação.
- 7 Expressões ou frases retiradas integralmente das entrevistas realizadas foram colocadas entre aspas para facilitar a identificação.
- 8 Em uma sequência anterior da entrevista, os jovens relataram o seguinte: “... os homens te levam, dão na tua cara; em seguida ... te jogam na cela. Te deixam lá apodrecendo durante cinco, seis horas, em uma área de um a dois metros quadrados, daí você tem que urinar, fazer análise da urina e então ...”.

- 9 Cf. Goffman, 1988.
- 10 Neste artigo apresentamos as duas formas de enfrentamento das discriminações desenvolvidas por grupos paulistanos e berlinenses de forma sucinta. Para um maior detalhamento de ambas as estratégias, cf. WELLER, 2011.

## Referências

BOHNSACK, Ralf; WELLER, Wivian. O método documentário na análise de grupos de discussão. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole (Org.). *Metodologias da pesquisa qualitativa em educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 67-86.

BOURDIEU, Pierre. *Sozialer Sinn: Kritik der theoretischen Vernunft*. 3. ed. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1999.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. *REIS: Revista española de investigaciones sociológicas*, n. 62, p. 193-242, abril/jun. 1993.

SCHÄFFER, Burkhard. *Generationen, Medien, Bildung: Medienpraxiskulturen im Generationenvergleich*. Opladen: Leske & Budrich, 2003.

WELLER, Wivian. *HipHop in São Paulo und Berlin: ästhetische Praxis und Ausgrenzungserfahrungen junger Schwarzer und Migranten*. Opladen: Leske & Budrich, 2003.

WELLER, Wivian. O hip hop como possibilidade de inclusão e de enfrentamento da discriminação e da segregação na periferia de São Paulo. *Caderno CRH*, v. 17, n. 40, p. 103-115, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=9>>. Acesso em 30 set. 2013.

WELLER, Wivian. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. *Sociologias*, v. 7, n. 13, p. 260-300, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n13/23564.pdf>>. Acesso em 30 set. 2013.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. *Educação e Pesquisa*. v. 32, n. 2, p. 241-260, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a03v32n2.pdf>>. Acesso em 30 set. 2013.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Sociedade e Estado*. v. 25, n. 2, p. 205-224, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v25n2/04.pdf>>. Acesso em 30 set. 2013.

WELLER, Wivian. *Minha voz é tudo que tenho*: manifestações juvenis em Berlim e São Paulo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

---

\* Uma versão anterior deste artigo foi publicada em: WOLFF, Cristina Scheibe; FÁVERI, Marlene de; RAMOS, Tânia Regina O. (Orgs.). *Leituras em rede: gênero e preconceito*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007, p. 159-175. O presente artigo foi levemente modificado e atualizado.

\*\* Doutora em Sociologia pela Universidade Livre de Berlim (Alemanha). Professora do Departamento de Teoria e Fundamentos e do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq e coordenadora do grupo de pesquisa GERAJU – gerações e juventude. E-mail: [wivian@unb.br](mailto:wivian@unb.br)